



# PÁSCOA

Por todo o mundo cristão se celebra hoje a Ressurreição de Cristo. Que lindas páginas de arte se não poderiam escrever, contando o que este dia tem de belo e grandioso em todos os recantos da terra por onde passa o sorriso e a esperança da Páscoa! Os sinos das aldeias enchendo as quebradas dos montes com o som alegre das aleluias; a cruz florida que vai de casa em casa abençoar almas e lares de ricos e de pobres; o bom do senhor reitor que distribui sorrisos a cada um, e afagos às criancinhas; as opas vermelhas dos mordomos, nota garrida e agitada ao vento, a alegrar as ruas de aldeias e cidades; o alvoroço das donas de casa no arranjo da sala onde vai entrar o «compasso»; e tudo o mais enfim que faz deste domingo o mais belo e encantador domingo de cada ano!

Deixentos, porém, a arte e a poesia para artistas e poetas, que nós não sabemos escrever essas coisas lindas. E, se soubessemos, deveríamos esconder num manto de rosas e perfumes a grande lição da Páscoa?

Cristo, condenado à morte, foi executado no alto do Calvário entre dois bandidos, por ter anunciado a Verdade, pregado o Bem, defendido a Justiça, ensinado o Amor. Os grandes de então viram nas suas palavras uma séria ameaça ao seu prestígio pessoal, ao prestígio da riqueza, da hipocrisia e da mentira da vida que levavam. Se o deixassem em liberdade, continuaria a pregar, todo o povo acreditaria n'Ele e o seguiria. Mais ainda, temiam que viesse a multidão a proclamá-lo Rei, como já havia tentado fazê-lo mais do que uma vez.

Tudo estaria então perdido para eles: a riqueza que Cristo amaldiçoava, a posição de comando que começava já a sentir-se abalada, o bem-estar e comodismo de uma vida fácil e cheia de homenagens. Seria melhor aniquilá-lo a Ele, para que não fossem eles mesmos aniquilados.

É claro que a razão «aparente» da condenação era outra. Primeiro, porque, sendo homem, se fazia Deus. Depois porque revoltava o povo contra César. No fundo, a inveja, o ódio, o despeito, e o medo de perder a posição social de privilégio que então gozavam escribas e fariseus.

Cristo deixou-se prender e matar. Ele bem sabia que, ao terceiro dia, a sua derrota se transformaria em vitória e que a sua obra haveria de continuar pelos séculos fora a revolucionar o mundo, a transformar a face da terra.

Mas aqui é que está a grande lição de Páscoa.

Escribas e fariseus há-de havê-los sempre. Hoje como então, fazem-se amigos de César e zelosos defensores dos direitos de Deus. No fundo, de uma coisa apenas são amigos e zelosos defensores: de si mesmos, dos seus interesses, dos seus privilégios. E conseguem «trunfar» aparentemente, e seduzem muitos e até arranjam, com o seu d'nhheiro, Judas e plebe dispostos a trair e a reclamar a morte.

O seu triunfo, porém, dura pouco. Da tumba onde sepultam novamente a Cristo, os seus próprios guardas continuam a fugir espavoridos. A Verdade Cristã, empolgando as almas retas, renova-se, ressuscita permanentemente, deixando no esquecimento, ou

na memória das multidões, os nomes detestados dos Pilatos, dos Caifazes, dos Fariseus de todos os tempos.

O dia da Páscoa marca, com efeito, não apenas a ressurreição de Cristo, mas o início de uma nova era na História da Humanidade. A Páscoa não se festeja, por isso, com flores, opas vermelhas, campainhas garridas e alegres repiques de sinos, mas sobretudo com a adesão coerente a certos princípios de vida individual e social, que alcançaram a certeza do seu definitivo triunfo na manhã da ressurreição, e que todos os anos deveriam ser aclamados neste domingo de Páscoa.

E hoje mais do que nunca! Porque, se a manhã da ressurreição alarmou os Fariseus e os fez lançar-se em perseguição dos cristãos, agora, na maioria dos casos, não acontece assim. Os Fariseus misturam-se com o povo para aclamar também! Mas como não podem aclamar os princípios ensinados e defendidos por Cristo, desviam a atenção do povo para todos os encantos e belezas da festa da Páscoa. A Ressurreição de Cristo, a vitória da

sua doutrina, a libertação do homem que se iniciou com a morte do Calvário, esmagam-nas eles em montanhas de apetitosas amêndoas, a fim de que tudo continue na mesma, como se nada mais tivesse havido do que arte, poesia e lençã.

Guy de Larigandle, oficial do exército francês, caído heroicamente nesta última guerra, deixou escrito esta grande esperança: «Virá o dia em que todas as barreiras tombarão e em que eu possuirei o Infinito».

A Páscoa não é outra coisa: o tombar das barreiras, em busca do Infinito.

Festejemo-la então assim, na coerência dos princípios que animaram a manhã da Ressurreição, que outra coisa não foi do que o grande dia da Libertação.

Partidas as cadeias que nos acorrentam à detestável escravidão da ambição e da riqueza, abatemos as barreiras sociais que nos separam e nos fazem chocar uns contra os outros. Não deixemos que os fariseus modernos nos façam esquecer a lição da Páscoa, com as flores, as amêndoas e as campainhas do «compasso».

Para lá destas coisas lindas que a tradição nos legou, é preciso ressuscitar a Ressurreição, isto é, acreditar no abater das barreiras, e na fraternidade universal.

Só então seremos dignos de cantar o *aleluia*, dando-nos uns aos outros as boas-festas e os parabens da nossa Libertação.

ABEL VARZIM.